

Q - CENTENÁRIO

O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL

As comemorações do centenário do ex-secretário-geral do PCP fazem o filme de uma vida em que a palavra mito é suficiente para o retratar. Apesar da multiplicidade de imagens, textos e livros sobre Álvaro Cunhal, a análise ao valor da sua arte plástica, o propósito da sua literatura e a dimensão do pensamento teórico escapam à profundidade certa para o fixar definitivamente na história do século XX



POR João Céu e Silva

ENTRE O EMARANHADO de gabinetes que existem nos vários andares da sede do Partido Comunista Português em Lisboa havia um que noutros tempos era muito reservado, o de Álvaro Cunhal⁽¹⁾. Situava-se no sexto andar do edifício da Rua Soeiro Pereira Gomes, quase num vão de escada, sem paredes, rodeado de estantes repletas de pastas, livros em russo, fotografias da filha e dos netos, um peluche e um pirilampo mágico, dois discos compactos de Chopin, e uma secretária muito arrumada e sem nada para prender o olhar... É essa a memória que tenho do vislumbre de poucos minutos permitido ao gabinete do então secretário-geral do PCP em 1991, para efeito de uma reportagem sobre as sedes dos principais partidos. O

“santuário”, entretanto desmantelado, era onde o dirigente trabalhava. Inacessível a olhos extra-Partido e que só muito exceccionalmente foi permitido observar e fotografar. Cunhal não estava presente.

A palavra “santuário” era coisa que irritaria Cunhal decerto, como observei numa paragem de campanha eleitoral feita em Torre de Coelheiros, onde uma fotografia do próprio estava entre as garrafas de uma prateleira da tasca em que o dirigente comunista foi beber uma água a meio da corrida política. Não gostou do que viu e desviou o olhar. Homenagens destas não faltavam no Portugal profundo aonde ia em sucessivas vagas de atividades políticas ou em romagem a “santos” da ideologia comunista,

como a Baleizão de Catarina Eufémia, o Forte de Peniche de onde escapou à prisão de mais de uma década pelo Estado Novo, ou, entre uma lista de muitos exemplos, as cooperativas que teimavam em manter-se como herdeiras da reforma agrária.

Com essa imagem bem clara de Álvaro Cunhal na tasca de Torre de Coelheiros, a virar os olhos à sua mitificação em vida, vale a pena perguntar o que pensaria Cunhal desta galeria de homenagens em curso a propósito do seu centenário de nascimento? Nada que o seu testamento fúnebre não confirme, ao pedir para ser cremado e que as cinzas sejam espalhadas na terra ou canteiros de flores do cemitério. Um aviso fica registado: “É também minha vontade,

que peço ao meu Partido que respeite, que no funeral não sejam pronunciados quaisquer discursos.”

Não estando cá para evitar homenagens pós-tumas, o rio de memórias que desagua na praça pública até amanhã, dia do centenário do nascimento, é ininterrupto. Além de vários livros e fotobiografias sobre o dirigente, mostras e debates, uma grande exposição organizada pelo PCP, com várias matérias inéditas, está a percorrer o País e ao mesmo tempo a confirmar que a longa vida de Cunhal exige espaços gigantes para ser retratada em condições.

A primeira pergunta que surge perante todo este aparato é se se está a reescrever a história de Álvaro Cunhal? A refazer o percurso do ho-



João Marcos / who

mem que se isolava no seu gabinete na Soeiro, mas que também conversava ao balcão do bar existente no rés do chão da sede com os camaradas que ali estivessem na mesma função. Um momento de alguma quase religiosidade, sempre aproveitado para alguns mais afoitos meterem conversa a propósito de algum assunto por discutir, enquanto outros ficavam com a sensação de dia ganho por terem estado a centímetros do camarada. Até José Saramago se beneficiou de um desses momentos de balcão para ouvir de Cunhal a opinião sobre os livros que decidiu escrever após ter saído da direção do *Diário de Notícias*, devido ao golpe de 25 de Novembro de 1975, por não encontrar emprego partidário.

A segunda questão, a de ter reescrito a sua própria história ainda em vida, é assunto tabu para os seus sucessores no cargo de secretário-geral dos comunistas portugueses. Basta questionar o primeiro a ocupar esse lugar, Carlos Carvalhas ²¹, para se sentir alguma desconfiança no tema. Quando se lhe o pergunta, Carlos Carvalhas responde com outra questão, pois nem entende a formulação.

– Tornar a escrever? Podia pensar-se que ele já tinha escrito uma história!

A resposta era para ficar por aqui, mas insiste-se que Cunhal teve preocupação em deixar bem vincado o seu perfil histórico.

– Não vejo intervenção do meu camarada com essa preocupação. Mesmo ao escrever os

romances, ele dizia que não era escritor, que queria intervir na base das suas convicções, da sua conceção do mundo e do homem, naquilo que entendia que era melhor para o povo português, para o País e para o mundo. Mas não escrevia ou desenhava a pensar nos galarins da história.

O ex-secretário-geral prefere retratar Cunhal com a ajuda de outro episódio: “O ministro do Trabalho, Costa Martins, pediu-me enquanto seu secretário de Estado, para o representar num Conselho de Ministros. Foi de repente e nem tive tempo para me preparar além dos minutos da viagem de carro até à reunião. O que estava em causa era a discussão da Lei dos Partidos, onde Salgado Zenha avançou

com um número bastante elevado de assinaturas para a constituição de um partido. O próprio Mário Soares terá ficado espantado com aquela proposta, enquanto Cunhal dizia que era um número muito elevado e que havia até perigo em entregar uma lista de nomes de membros de um partido que tinha estado até há pouco na clandestinidade. Para se ver como era o camarada, considerado tão formal e institucional, mas que não deixava de ter o seu humor e uma maneira descontraída de intervir, ele disse ao Zenha que era preciso baixar o número e que o poderia fazer como na lota: com o chui que determinava os preços do peixe. Então, o Zenha

Continua na **página 10** >



‘Álvaro Cunhal – Política, História e Estética’

José Neves (coordenação)
Tinta da China
ISBN 978-989-671-179-5

‘Álvaro Cunhal – Fotobiografia’

Vários autores
Edições Avante!
ISBN 978-972-550-411-6

‘Álvaro Cunhal – O Homem e o Mito’

Joaquim Vieira
Objetiva
ISBN 978-989-672-192-3

‘Cunhal, Brejnev e o 25 de Abril’

José Milhazes
D. Quixote
9789722052788

‘Álvaro, Eugénia e Ana’

Judite Sousa
Objetiva
9789896721947

‘Álvaro Cunhal – Obras Escolhidas. Vol. IV 1967-1974’

Francisco Melo (coordenador)
Editorial Avante!
ISBN 9789725504109

‘Centenário de Álvaro Cunhal’

Exposição temporária
Museu Municipal de Coimbra

Exposição ‘História de um gordo chinês que estava de barriga para o ar: no centenário de Álvaro Cunhal’

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Exposição ‘A arte, o artista e a sociedade’

Ferreira do Alentejo

Mostra ‘Álvaro Cunhal (1913-2005): a pena, o pincel, o punho’

Biblioteca Nacional de Portugal
Lisboa, até 31 de dezembro

SÁBADO, 9 DE NOVEMBRO DE 2013

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA 09

Printed and distributed by NewspaperDirect
www.newspaperdirect.com US/Cdn: 1 217 980 4040 Intern: 800 836 8384
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW

Q. CENTENÁRIO O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL

» Continuação da página 9

começa a descer o número de militantes necessários. Baixou, baixou, até que o Cunhal diz "chui!" E foi assim que ficou determinado o número de inscrições. Soares, que assistia a tudo divertido, riu-se e ficou satisfeito."

Se Carlos Carvalhas não quer tocar no assunto da autorreescrita da história pessoal do antecessor, pergunta-se qual terá sido no seu entender o principal erro e acerto de Álvaro Cunhal a nível político.

— Nunca pensei nisso. Creio que acertou no essencial. Certamente também errou ou falhou mas não sei apontar um exemplo.

Outra opção, a maior ilusão e desilusão de Cunhal? A resposta também não surge: "Embora falasse muitas vezes com o Álvaro, em reuniões periódicas semanais ou em muitas viagens juntos para comícios, essas questões nunca foram abordadas. Falávamos de economia e finanças e, também, de aspetos culturais. Ele gostava de cinema, mas não tinha tempo para ir, enquanto eu continuava a fazê-lo todas as semanas. Por isso perguntava-me se eu tinha visto este ou outro filme e o que achava." Como diz não se recordar de nenhum filme em particular sobre o qual tenham falado, prefere rematar a conversa assim: "Álvaro Cunhal era um homem de grande confiança e não virado para a desilusão. Não era um homem que aparecesse desiludido ou de se deixar abater. Nem de grandes euforias."

Tenta-se apontar a desilusão mais fácil, ter assistido ao fim do império soviético, a que responde com a cassetete: "A luta processa-se com avanços, recuos e com situações mais ou menos positivas, que trazem alegrias e tristezas. Mas ele tinha muita confiança e isso vê-se quando diz que nem o capitalismo resolve os problemas da humanidade nem o socialismo deixa de ter validade. É uma síntese que dá uma ideia do que continuava a pensar. Dá uma ideia."

As mesmas perguntas, feitas ao atual secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa⁽⁶⁾, não fogem à cartilha de respostas próprias do que devem ser as dos líderes máximos do Partido. O principal erro e acerto de Álvaro Cunhal?

— Não consigo definir o chamado pior ou melhor, até porque Álvaro Cunhal mesmo na contradição, muitas vezes perante a derrota ou recuo, era um camarada que tirava lições e ensinamentos e nunca um homem amargurado pela circunstância. Creio que aquela expressão que ele usava — "as vitórias não nos descansam e as derrotas não nos desanimam" — marcava a sua forma de olhar para os problemas e encontrar o rumo em relação a cada momento concreto.

Quanto à ilusão e desilusão?

— Não se trata de ilusão quando ele acreditou no desenvolvimento do processo revolucionário no valor das grandes conquistas e das transformações do 25 de Abril. Naturalmente, pode ter sentido alguma desilusão em relação às derrotas do socialismo, mas no aspeto dos acontecimentos e não quanto ao ideal. A convicção que manteve até ao fim é a de que o futuro da humanidade não passa pelo capitalismo mas pelo socialismo.

Quanto à reescrita da sua própria história, a resposta segue os passos da resposta de Carlos Carvalhas: "Ele nunca agiu por conta própria, é um ator da história que não procurou reescre-

ver coisa nenhuma e a sua luta tem um fio condutor, que está expresso no que escreveu e afirmou. Não reescreveu a história, antes pelo contrário, muitas vezes repôs a verdade histórica em algumas das suas obras. Não digam que Álvaro Cunhal reescreveu a história."

Não será Carlos Carvalhas nem Jerónimo de Sousa que assumirão a intenção em Cunhal de ter reescrito a própria história em vida como o

biógrafo "oficial" de Cunhal, José Pacheco Pereira⁽⁶⁾, dirá claramente.

— Evidentemente que reescreveu a sua própria história, aliás eliminando que na construção da história oficial do PCP Cunhal tem um papel importante. É uma história perfeita destinada a engrandecer a instituição e tudo aquilo que de alguma maneira representa as contradições, as fraquezas, as fragilidades e onde os er-

ros são diminuídos. Todas as questões controversas na história do PCP foram sempre metidas debaixo do tapete, sei-o porque quando comeci a escrever a biografia de Álvaro Cunhal muitas das pessoas ou não me falavam ou não faziam parte da história. Uns tinham desaparecido ou eram tidos como traidores, outras de alguma maneira tinham sido afastadas, sempre de forma quase caluniosa, e Cunhal, na construção desta história social, tem um grande papel. Uma das razões que mostram que o PCP tem muita dificuldade em lidar com a sua história vê-se no facto de uma parte dos seus arquivos não estarem abertos ou com os seus dirigentes reagirem muito epidérmicamente sempre que alguém contesta a sua versão da história. Uma visão criada pela própria organização e um instrumento utilitário dela, basta ver o caso do Pavel, que foi secretário-geral sem ter a função formalmente, mas dirigiu o partido durante vários anos, e era uma memória de que se sabia muito pouco, apesar de ainda estar vivo e ter vindo a Portugal.

1. O HOMEM PERFEITO

Entre as homenagens oficiais do centenário do nascimento de Álvaro Cunhal está a *Fotobiografia* editada pela Editorial Avante!, um espesso volume de trezentas páginas onde centenas de fotografias e documentos relatam o percurso e o tempo do dirigente comunista. O texto é suave para com o alegado branqueamento da vida interna do PCP, ausente de rostos incómodos nas ilustrações e focado no líder. Para Manuel Rodrigues, o responsável do coletivo que elaborou a *Fotobiografia*, e um dos membros da hierarquia do PCP, não houve intenção em valorizar o político ou mitificá-lo. É assim que responde ao facto de se considerar o retrato de Cunhal feito no volume como o do "homem perfeito".

— Procurámos dar uma imagem fiel e nas suas várias vertentes como homem comunista, intelectual e artista, sem esquecer em nenhuma delas os traços de rigor e fidelidade do que ele foi ao longo da vida.

Quando se apontam casos por revelar, é rápido a responder que "há sempre aprofundamentos a fazer". Tal como a justificar as partes que não aparecem no livro: "A *Fotobiografia* tem os momentos marcantes e com grande significado na vida e luta de Álvaro Cunhal mas não os esgota, para isso precisaríamos de meia dúzia de livros. Quanto às críticas à linha seguida, considera que "são leituras que não correspondem à que fazemos", admitindo que "um documento deste género é suscetível de opiniões diferentes".

Para Manuel Rodrigues, a receção tanto à exposição oficial do PCP como a *Fotobiografia* confirma que "Álvaro Cunhal continua a ser um homem cuja vida, pensamento e luta marcam o nosso tempo e com projeção no futuro por ser uma personalidade própria nas várias áreas em que teve intervenção e pelos traços distintivos no que fez. Dai que esse legado atraia a atenção de muitos sectores da sociedade, que o reconhecem como importante, e não sejam só visitantes e leitores comunistas os interessados, pois há elementos que confirmam que a *Fotobiografia* é adquirida por pessoas de vários quadros".



Óleo de Álvaro Cunhal, com a particularidade de nas costas ter uma outra pintura



Ilustração de Cunhal para Esteiros de Soeiro Pereira Gomes

Q - CENTENÁRIO O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL

Confrontado com a pergunta sobre se o mito que a produção partidária promove neste anos de centenário um eclipse de outros históricos do PCP em detrimento do destaque concedido a Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues reusa essa opinião.

– Não tenho essa ideia de Álvaro Cunhal como um mito, antes uma figura impar nas suas características e com uma intervenção e uma mensagem muito atual. A palavra mito tem uma carga sobrenatural e não o conceito desse modo.

Sobre o mito, o investigador Joaquim Vieira⁽⁶⁾ tem outra opinião, refletida até na capa da sua biografia ilustrada, que intitulou *Álvaro Cunhal – O Homem e o Mito*. À questão sobre se lhe foi difícil fazer essa separação numa situação que desde muito cedo se funde na vida do dirigente, e nunca mais se separaram, Joaquim Vieira partilha de outra visão.

– Homem e mito fundem-se, como muitas vezes acontece com figuras públicas da dimensão que Cunhal atingiu. A opinião pública fica a saber mais do mito do que da pessoa. No caso do líder histórico do PCP, criou-se uma certa ideia de infalibilidade, cultivada sobretudo pelo partido e os seus militantes. Tentei por isso humanizar a figura de Cunhal, procurando referir também erros, falhas de avaliação ou aspetos da sua vida pessoal que estavam longe da perfeição idealizada por muitos.

Segundo o autor, a opinião que já tinha de Cunhal não se alterou com este trabalho de 330 páginas: “Aprofundi o conhecimento de algumas facetas da sua vida e do percurso político que conhecia menos bem. Conclui também que era um institucionalista, mais do que um revolucionário, pelo que muito dificilmente (e apenas em circunstâncias muito favoráveis, que nunca se reuniram) Cunhal seria capaz de conduzir uma revolução em Portugal.” Quanto a revelações, o que mais o surpreendeu foi “a turbulência da sua vida sentimental, que sempre fez por ocultar, e agora consigo perceber porque”.

Al longo desta biografia ilustrada são impressos vários exemplos dessa vida sentimental, que confirmam o lado sedutor do dirigente comunista durante toda a sua vida. É o caso dos bilhetes em que propõe a uma camarada partilharem a mesma cama numa casa clandestina do Partido durante a década de 40. Este lado de Cunhal, que também tem eco em algumas dos seus escritos literários sob o pseudónimo de Manuel Tiago, com descrições claramente autobiográficas, é situação que a *Fotobiografia*, nem a restante produção oficial, nunca aludem, mesmo que se saiba que neste âmbito Cunhal tenha sido prolífico em paixões e paixonetes. Tanto durante os tempos de clandestinidade antes da prisão; da relação com a mãe da sua filha poucos dias após a fuga do Forte de Peniche, bem como de uma relação no exílio em Paris, sempre apagada da biografia.

Poucos meses antes de Joaquim Vieira ter lançado este trabalho sobre Álvaro Cunhal, editara uma biografia sobre o seu único rival político no pós-Revolução dos Cravos, Mário Soares. Pergunta-se qual o protagonista que o marcou mais.

– São duas figuras que não se podem comparar. Personalidades que nada tinham em comum (a não ser o objetivo de derrubar o salazarismo), cada uma exerceu a política e marcou o seu tempo de maneiras diferentes. Existe mais transparência em Soares, pelo que o desafio de penetrar na opacidade de Cunhal é capaz de se tornar mais estimulante. Mas isso não significa maior apreciação pela personagem. As-

sinale, de qualquer forma, uma coisa curiosa: Soares sempre admitiu que Cunhal lhe deixou uma marca profunda, e o mesmo nunca diria Cunhal de Soares.

Quanto à posteridade, Joaquim Vieira reusa que após estas comemorações do centenário, Cunhal entre no limbo do esquecimento público: “Não creio. Cunhal deixou uma profunda impressão entre os portugueses, mesmo junto daqueles que nunca foram comunistas. Essa impressão manteve-se após a sua morte, independentemente de atos celebratórios, e vai continuar. Toda a gente, mesmo os seus adversários, reconhece nele um perfil especial, que mais se agiganta quando se fazem comparações



Um rosto feito de miolo de pão na cadeia

O PROCESSO DA MITIFICAÇÃO EM CURSO

com os políticos da atualidade. E há que reconhecer que a crise que o País atravessa faz que muitos olhos se viressem para Cunhal como o homem que, afinal, talvez tivesse razão sobre muitas coisas. Não é que fosse forçosamente assim, mas essa ideia vai permanecer por muitos e bons anos, tantos quantos aqueles em que Portugal vai sofrer até sair do buraco.”

2. O INTELLECTUAL (IN)COERENTE

A exposição pública da vida de Álvaro Cunhal não ficou apenas nas mãos do PCP, até a Biblioteca Nacional de Portugal decidiu montar uma grande mostra subordinada ao tema “A pena, o pincel, o punho”, que conta com o selo do apoio do “Governo de Portugal” entre os patrocinadores. A justificação para a realização desta exposição é simples para o comissário responsável, Luís Costa Dias⁽⁶⁾: “A obra e a trajetória de Cunhal constituem um todo em conjunto com as dimensões artística e literária. Sendo a exposição essencialmente bibliográfica e sobre as dimensões literárias e artísticas vocacionadas para a obra impressa, enquadra-se no perfil da Biblioteca Nacional.”

Segundo Luís Costa Dias, a mostra reúne parte do espólio da instituição, como textos e desenhos editados, informes aos congressos do PCP “que mostram a oscilação da linha política conforme as épocas”, os textos de intervenção a partir do 25 de Abril, ensaios e artigos do período mais jovem, os dos anos 30: “Quando não era publicamente tido como artista fora de círculos reduzidos, como é o caso das conversas com Mário Dionísio, e a ilustração esporádica do livro *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes.” Considera que “como a dimensão física da obra política forma um todo, a exposição não poderia virar costas ao centenário”.

Também neste caso não existem revelações: “O único material inédito seriam cartas e bilhetes existentes no espólio da Biblioteca Nacional, como troca de correspondência com escritores, como é o caso de Urbano Tavares Rodrigues, mas como são inocuas não têm interesse para expor.” Costa Dias aponta outro caso, o de textos dos anos 40 escritos para a Biblioteca Cosmos que, segundo lhe disse Álvaro Cunhal, “eram sobre a História das Técnicas [tecnolo-

gias] e que o passar do tempo os deixou completamente desatualizados”.

Quanto à opinião pessoal sobre o dirigente comunista, que conheceu por via do seu pai, Luís Costa Dias faz um retrato com críticas à palavra coerência, sempre vigente em Álvaro Cunhal, mas no que respeita a concepções estéticas.

– Figura fundamental do século XX português, representa uma perspetiva para ideia e prática de democracia coerente com as ideias que defendia. Como artista e ficcionista, tem apetências artísticas e literárias excecionais, não podendo afirmar que alcance uma posição de grande relevo porque há autores com mais perícia do ofício das letras e das artes, mesmo que construa uma obra relevante e interessante. Quanto à coerência, diria que nem sempre o foi do ponto de vista estético, já que foi capaz de escrever na polémica com o José Régio que mais vale um mau artista que saiba entender a realidade do que um bom artista que lhe vire costas. Esta afirmação é absolutamente radical e tem muito pouco a ver com arte. Percebe-se o que representa se se contextualizar a afirmação porque nessa mesma época ele escrevia sobre o papel do intelectual e da necessidade do seu empenhamento mas, em rigor, fez uma tremenda confusão entre artista e intelectual. É certo que vem a rever essa posição no livro *A Arte, o Artista e a Sociedade*, e acaba por admitir que o gesto mecânico pode produzir arte independentemente da relação direta com a atividade cívica de quem mexe o pincel, o pincel e a pena. Só que como a Bíblia diz, o que está escrito está escrito.

Será uma afirmação panfletária ou provocatória? Segundo Luís Costa Dias, “não é apenas provocatória, principalmente quando se a coloca no âmbito da polémica com Régio, até porque escritores teóricos dessa época, como Mário Dionísio que rejeitava tudo o que afirmavam os homens da Presença, nunca tomou uma posição literária e artística deste tipo. É uma afirmação forte, a ser contextualizada, mas que foi feita”.

Entre os estudos que o centenário permitiu publicar está o *Álvaro Cunhal – Política, História e Estética*, coordenado pelo ex-militante do PCP José Neves. Entre as razões que explica para “participar dos esforços destinados a assinalar a efemeridade” com este volume que reúne vários ensaios sobre o dirigente comunista

está o facto de querer contrariar o silêncio por parte de várias instituições e considerar ser possível acrescentar algo de novo. Segundo José Neves, os retratos traçados sobre Cunhal por ocasião do centenário são os de “uma estátua que devíamos contemplar, simplesmente injuriando ou idolatrando a sua figura”, daí que considere ser necessário elaborar discursos críticos. O seu próprio texto inicia-se com a afirmação de que Cunhal “partilhava de uma ideia de história em que a figura do «grande homem» era pouco valorizada” mas que é “à luz dessa mesma figura que, na maioria das vezes, Álvaro Cunhal tem sido dado a ver”. Uma situação que, explica, já vem dos finais da década de 1930, a

partir da qual “Cunhal foi objeto de atenção e cuidados sempre especiais” e em que a sua “opinião não era simplesmente tida como uma entre as outras”.

Neste volume há muitas outras opiniões sobre o conjunto de facetas do homem Cunhal. Como a de João Arsénio Nunes que refere que após “quase dez anos do seu desaparecimento, a imagem parece essencialmente marcada pelo perfil ético”; a interpretação da questão agrária em Portugal por José Luís Garcia e Frederico Ágoas; a ambição do ensaio *O Partido com paredes de Vidro* por André Barata; e um conjunto de análises sobre a interpretação política da arte por Maria-Benedita Basto, Miguel Cardoso e Manuel Deniz Silva.

3. O ARTISTA DESCONTINUADO

O espaço dedicado no referido conjunto de ensaios dedicados ao Álvaro Cunhal artista demonstra como esse lado da sua personalidade se posiciona com grande determinação ao lado do agente político. Daí que valha a pena entender o verdadeiro valor de Cunhal enquanto artista e do peso desta parte no todo. O profundo conhecedor António Pedro Pita⁽⁷⁾, do Centro de Estudos Interdisciplinares Século XX, começa por definir o quadro em que se deve analisar o político enquanto artista: “É importante sublinhar que a questão da arte para a geração a que pertence Cunhal é de grande importância e não transitiva, ou seja, não é meramente instrumental. A arte tem para aquela geração, e às vezes esquecemos que ele tem a mesma idade que Mário Dionísio, José João Cochofel ou Carlos de Oliveira, e que também mergulha no mesmo caldo de cultura que vem do mestre de todos – Bento de Jesus Caraça – e de uma geração anterior. É gente que chega à maioridade num período entre as duas guerras e que toma consciência de si e do mundo como vivendo uma crise preanunciadora de uma viragem civilizacional. Sobreretudo depois da experiência da Revolução Russa e do *crash* financeiro de 1929, os anos 30 serão como o momento de transição do capitalismo para o socialismo, em que era preciso luta e organização.”

Continua na página 12 >

SÁBADO, 9 DE NOVEMBRO DE 2013

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA 11

Printed and distributed by NewspaperDirect
www.newspaperdirect.com US/Can: 1 877 880 4040 Intern: 800 836 6384
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW

Q. CENTENÁRIO

O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL

> Continuação da página 11

Para António Pedro Pita, a arte tem um papel fundamental no cenário histórico em que vive Cunhal: “É um meio importantíssimo de aproximar as pessoas. Há até uma expressão que circula muito em Portugal nesses meados dos anos 30, muito utilizado por Tolstói nas reflexões sobre o que é a arte: a arte gera comunidade e aproxima as pessoas e de uma maneira sólida e cúmplice, mais do que os princípios jurídico-políticos.” Ou seja, acrescenta, “para Cunhal e os outros, a arte é primordial. Pinta desde sempre, tem polémicas de índole estética com José Régio – que necessita ainda de alguma ponderação no futuro para se saber se tem mais ou menos importância do que a que se lhe atribui –, tem um grande envolvimento com a arte, aproveita as viagens ao estrangeiro para conhecer todos os museus, convive com artistas e tem a sua própria prática das artes”.

Chegados aqui, é hora de questionar o estudioso sobre a representatividade da arte pinta-da por Cunhal?

– É preciso compreender que é descontinuada. Temos o grosso dessa prática desenvolvida durante o tempo da prisão e antes tinha havido desenhos muito bonitos e expressivos para a primeira edição de *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes. Ele faz principalmente desenhos, o quadro e o óleo são mais raros, sendo que este levanta questões diferentes do desenho. Relativamente à posteridade, diga-se que sendo uma prática que não teve desenlace e consumação se pode perguntar o que é que está ali?

Naquela expressividade plástica cruzam-se coisas muito interessantes, daí que se possa lamentar que não tivessem tido desenvolvimento, como uma expressividade de pintura muito próxima da inspiração cinematográfica; o uso do branco e preto, das figurações ora muito nítidas ora esfumadas. Essa experiência de inspiração que vem do lado do cinema cruza-se ou conjuga-se com outras, certamente a dos muralistas mexicanos em algumas representações de corpos desproporcionados nas mãos e pés, que entroncou em algum neorrealismo pictórico português. Existe um primado consciente da figuração realista sobre outro tipo de opções possíveis do ponto de vista pictórico nos anos 40 e 50, num ou noutro aspeto por vezes muito conjugada com concepções quase fantásticas e muito próximas de uma espécie de ex-

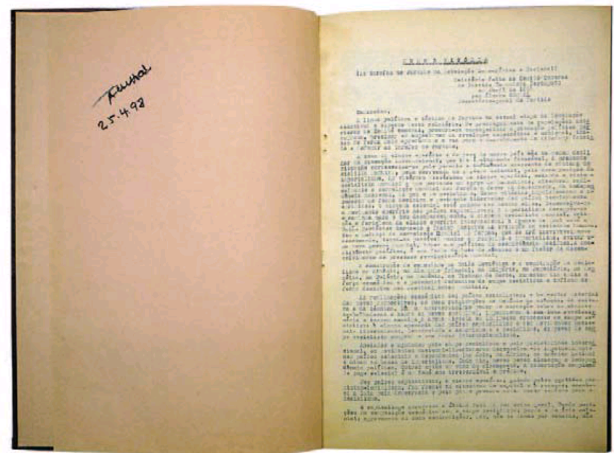
pressão autónoma das formas. A arte em Cunhal é, em última instância, o que se poderia chamar uma redução ao antropológico. A mão, para usar um ponto importante na polémica com Mário Dionísio, isto é a consciência, a vontade, tem sempre o primado sobre o espírito e pode não ser premeditado. Até que o domínio é sempre da mão, da vontade e da consciência, mesmo nos casos em que depois se possa verificar que há autores que exprimem plástica e literariamente posições sociais que são antagónicas às que tem conscientemente. Em último estágio, o que é verdadeiramente decisivo é a importância da dimensão consciente daquilo a que ele desde muito cedo chama vontade.”

4. A INCONFIDÊNCIA LITERÁRIA

Quanto à literatura de Álvaro Cunhal ela é editada durante muito tempo sob o pseudónimo de Manuel Tiago e, mesmo dentro da Editorial Avante!, a maioria dos funcionários desconheciam a verdadeira identidade do autor, mistério que só desvenda em 1994. Segundo o professor e crítico literário Miguel Real ⁽⁶⁾, a obra literária de Manuel Tiago é a de “um bom escritor” e que deve ser “publicada mesmo fora do seu tempo”. Entre as razões que apresenta, está a de que “todos os seus textos literários, de grande qualidade, obedecem a uma mensagem estética neorrealista, dotada de uma unidade de tempo e de espaço ao modo clássico, com personagens desenhadas igualmente ao modo clássico, alimentados por um vocabulário coloquial referido ao quotidiano”.

Continua, sob o ponto de vista cultural.

– Os seus romances e contos refletem as polémicas literárias das décadas de 40 e 50 (José Régio e desvio esteticista da revista *Vértice*) e, na linguagem neorrealista, sublinham mais o conteúdo do que a forma. Intentam evidenciar os aleijões e as injustiças do mundo e a luta epopeica dos oprimidos no caminho da sua libertação, entendida ao modo socialista e comunista. A partir da década de 50, a literatura evoluiu para novas formas estéticas (Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luis), o próprio neorrealismo criou romances de grande nível (Carlos de Oliveira, *Uma Abelha na Chuva*; Fernando Namora, *O Trigo e o Joio*), novos autores surgiram com uma visão mais esteticista na década de 60 (Jo-



Exemplar original de *Rumo à Vitória*, autografado posteriormente por Cunhal

ação de um comunista como total. Desse ponto de vista, tudo aquilo que entende que pode fazer, seja desenhando, pintando, escrevendo ficção, relatórios, ou dirigindo uma organização, para ele é um continuum. E houve sempre nos dirigentes comunistas uma certa vontade de atingir a totalidade através da arte, basta recordar que Brejnev foi Prémio Lenine da Literatura à conta de umas memórias que foram consideradas na altura pelo Partido Comunista Francês uma grande obra literária. Há no comunismo formado nos anos 30 uma visão global de tudo, a do homem novo na sua integridade e por isso a ficção ao abranger o aspeto criativo, não apenas a gestão de quotidiano, era fundamental para dar esta noção de totalidade”.

Até que ponto é que Cunhal se desvenda por via dos livros?

– Cunhal mantém sempre uma posição de reserva pessoal e de não querer que houvesse qualquer vislumbre do culto da personalidade, embora pense que essa atitude não pode ser aceite dessa forma simples porque quando vamos ler a autobiografia não admitida, chamemos-lhe assim à ficção de Cunhal, em que pra-

próprio, como quando narra a sua estada em Espanha, quando fala da sua prisão, da experiência clandestina ou das fugas. A personagem Cunhal, criada pelo autor Cunhal, é de facto de uma enorme perfeição e desse ponto de vista há um certo tipo de vaidade. É uma autobiografia escrita da forma mais ambiciosa possível porque não fica preso pelos pormenores históricos e pode contar acontecimentos que são biográficos, reconstruir a sua própria personagem em cada livro. Em cada sua obra de ficção está Cunhal personagem, que é quase sempre a pessoa mais modesta, corajosa e dedicada, a que melhor personifica o espírito do Partido.

5. O HOMEM CONDICIONADO

Um aspeto sobre o qual se teima em passar ao lado na interpretação das múltiplas facetas de Álvaro Cunhal é o modo como a privação de liberdade – por prisão, tortura, clandestinidade e exílio – se reflete no condicionamento da ação e do pensamento logo que aos 17 anos adere ao PCP. Segundo a investigadora Irene Flunser Pimentel ⁽⁹⁾, salvaguardando o facto de não ser psicóloga, considera que não há dúvida sobre a influência das torturas a que foi sujeito na construção da sua personalidade: “Especialmente em 1935, que foram torturas sobretudo físicas, até que a polícia se apercebeu que não poderia retirar nada da boca dele. Nas outras várias prisões de 1939/1940, a polícia teve outra intervenção e, a partir de 1949, apostou sobretudo no isolamento. Que, aliás, o próprio Álvaro Cunhal considera que é a pior das torturas. Ele pôde comparar e saber o que mais tarde se vem a determinar, que a privação do movimento, de contacto com outras pessoas e de dormida são as torturas mais eficazes.”

O que não tiveram foi eficácia em Álvaro Cunhal, diz a historiadora:

– Resistiu sempre, o que mostra que teve de se socorrer de uma vida íntima muito forte. Houve tempos, um ano, em que não teve acesso sequer a leitura, seguido de outros dez em isolamento. Essa situação irá ter consequências, mesmo que após esse tempo privado de liberdade e sem contacto com outras pessoas, ele fuja da cadeia em 1960 e torne-se secretário-ge-

ATINGIR A TOTALIDADE ATRAVÉS DA ARTE

pressionismo que se encontra em desenhos sobre o Carnaval. Onde, quem se aproximou desta questão, diz que poderá não ser alheio a uma certa receção compreensiva de Brueghel. O que é interessante é reparar nesse voo em relação ao irrealismo quase fantástico que às vezes roça o surrealismo. E, ao mesmo tempo, como pano de fundo, fica muito nítido uma espécie de laicização da transcendência, como no caso do quadro em que reproduz o pós-crucificação e que a evocação crística é a de um operário rodeado dos seus companheiros de trabalho. Do ponto de vista estético, o que me parece mais importante é o não reconhecimento de uma

sé Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Velho da Costa, Maria Judite de Carvalho, Isabel da Nóbrega) e Manuel Tiago deixou cristalizar a sua escrita segundo categorias estritamente clássicas. Quando começou a publicar (1975, *Até Amanhã*, *Camaradas*; *Cinco Dias*, *Cinco Noites*, 1975) já a evolução literária deixara muito para trás o neorrealismo clássico.

Se literariamente Miguel Real justifica a criação de Álvaro Cunhal, para José Pacheco Pereira essa atividade do dirigente insere-se numa perspectiva de “um homem que se formou nos anos 30, que é um intelectual – nunca deixou de ser um intelectual – e que tem uma visão da

ticamente todos os aspetos principais da sua vida estão lá, já a maneira como se retrata a si próprio não é sequer um problema de culto de personalidade, está antes na criação de uma figura que é perfeita num certo sentido. A maneira como se autorretrata na ficção em episódios que são da sua própria vida tem sempre um elemento de enorme perfeição e, sob esse ponto de vista, Cunhal ajudou a criar o seu próprio mito. Ele praticamente conta a vida toda, o que desfaz a ideia de que Cunhal não reescreveu a história e não fez uma autobiografia. Falo de forma ficcional, onde tem uma grande liberdade em tratar as personagens que são ele

Q - CENTENÁRIO O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL

Uma página de *Cadernos da Prisão*

Cunhal enquanto corrécio

ral do PCP, impondo uma nova linha política, que é a que perdura até ao 25 de Abril. Há outro lado que é importante, após a experiência de prisão e de tortura, transforma-se num manual de comportamento – *Se fores preso, camarada* – que vai moldar o comportamento dos comunistas perante a polícia, mais sob o lado de moral comunista e de moral política do que propriamente de psicologia, que era algo a que não se dava importância na altura. Portanto, há uma intransigência em Álvaro Cunhal que é necessária para quem vive em clandestinidade e precisa de ter armas contra a polícia e instrumentos de defesa contra a PIDE, o que levará a uma intransigência muito grande relativamente a outros militantes.

Se esta privação de liberdade aguçará outros sentidos artísticos, segundo a historiadora também reforçou bastante o lado dogmático em Cunhal, que poderá ter sido apurado por essa razão.

– A sua convicção comunista, que é fortíssima e que por vezes resvalava para o dogmatismo, pode advir de a pessoa ter vivido essas experiências e ser-lhe necessário agarrar-se de uma forma forte a determinadas certezas. Ao fim ao cabo, que idade é que ele tem quando chega à liberdade? Uma idade já muito avançada, em que é muito difícil fazer a reconversão para uma situação de liberdade. Não é por acaso que o PCP tem praticamente o código genético da clandestinidade, contrariamente a outros partidos comunistas, que não o espanhol, porque viveu muito tempo desse modo. Nenhuma ditadura subsistiu tanto tempo como a portuguesa e a espanhola, sendo que a portuguesa durou muito mais tempo e a clandestinidade do PCP é anterior ao próprio salazarismo, existe a partir da ditadura militar. É, certamente, um código genético fortíssimo.

6. DESILUSÃO DO 25 DE ABRIL DE 1975

Se o dia 25 de Abril de 1974 estará entre os mais felizes da vida de Álvaro Cunhal, o mesmo dia um ano depois poderá ser o seu mais infeliz. Na *Fotobiografia* seria de esperar uma ampla reprodução desse dia em que pela primeira vez o Partido Comunista Português vai a votos e em que o povo português elege os seus representantes

para a Assembleia Constituinte em liberdade, mas não é isso que acontece neste álbum que voa rápido neste caso. Do imenso texto dedicado à biografia do dirigente comunista, aquele que refere o dia eleitoral contém apenas duas frases, em que se escreve: “Eleições para a Assembleia Constituinte: o PCP obtém 711 935 votos (12,46%) e elege 30 deputados.” A nível de fotografias existe apenas uma, a que mostra o momento em que Cunhal deposita o seu voto na urna. Apesar do pouco destaque desse dia na fotobiografia oficial, basta olhar para a imagem para se ver a importância do momento, sendo difícil descortinar o próprio Álvaro Cunhal no meio de tantos fotógrafos e jornalistas que captam o ato. Também a sua legenda é curta: “Álvaro Cunhal vota nas eleições para a Assembleia Constituinte.”

Qual a razão para se dedicar tão pouco espaço à data? É que o resultado eleitoral do 25 de Abril de 1975 será trágico para as expectativas do PCP: 12,46% dos votos expressos. Mesmo que o jornal *República* dê como título à sua primeira página a seguinte conclusão: “Insofismável vitória do povo.” Daquele povo que encheira os comícios do PCP mas que entregará ao PS 37,87% dos votos, ao PPD (PSD) 26,38%, ao CDS 7,61 e ao MDP 4,14%. É o momento em que Álvaro Cunhal falará da via revolucionária como fator de conquistas em detrimento da via eleitoral nos meses que restam à vanguarda política de esquerda e de extrema-esquerda para fazer avançar o processo revolucionário em curso, até ao golpe final nas suas pretensões com o 25 de Novembro.

Se as reações ao resultado eleitoral são as mais diversas, o silêncio do PCP nas horas que se seguem é anormal e os contactos como os responsáveis do PCP são impossíveis. O *República* escreverá: “Apesar de nos termos deslocado por três vezes à sede do PCP (ontem à noite e esta manhã), visitas precedidas de vários contactos telefónicos, a partir das 17 horas de ontem, não foi possível encontrar o secretário nem qualquer membro do Comité Central.” As expectativas do PCP seriam superiores aos 20%, que, em conjunto com os esperados mais votos do MDP/CDE, dariam a esta frente de esquerda um peso real na nova sociedade.

Se há um dia mau na vida de Álvaro Cunhal, este poderá ser dos piores. Ou o pior, já que toda a formação de um homem de várias facetas cul-

turais e políticas, o percurso de rebelião política constante contra o Estado Novo, a prisão sucessiva, o exílio longo e a elaboração de uma carreira política internacional é confrontada com o sentido do voto de um povo que Cunhal quis sempre libertar da ditadura de Salazar e Caetano e lhe dá esta resposta. Nas horas que se seguem ao apuramento dos votos da primeira eleição livre em Portugal, o silêncio de Álvaro Cunhal é total, face à maior contrariedade que acontece ao seu Partido. Nem a “repressão fascista” terá feito tanta mossa ao PCP e ao seu líder como esta eleição, que fixará eternamente a fasquia de representação que poderá representar o PCP, e mesmo todos os acontecimentos que se sucederão a nível mundial não o farão sofrer como este: a queda do Muro de Berlim, o fim da União Soviética e a desagregação generalizada da promessa do socialismo.

Apesar de sempre desmentida, a entrevista que concedera à jornalista italiana Oriana Fallaci, torna-se uma metáfora sobre o seu pensamento sobre a realidade nacional. Segundo a jornalista, Cunhal dirá sobre as eleições para a Assembleia Constituinte: “As eleições para mim não têm qualquer importância, nenhuma mesmo. Se pensa que a questão pode ser reduzida a percentagens de votos recebidos por um partido ou outro, está a enganar-se a si própria redondamente. Se pensa que o PS, com os seus 40% e o PPD com os seus 27%, compõem a maioria, está a cometer um erro. Eles não têm a maioria. () A Assembleia Constituinte certamente que não será um órgão legislativo e certamente não será uma Câmara de deputados.”

Esta entrevista à jornalista italiana ainda hoje irrita Domingos Abrantes⁽⁶⁾, um dos mais antigos camaradas de Álvaro Cunhal. Nega que Fallaci tenha reproduzido de forma correta as palavras do secretário-geral e alega que ela truncou afirmações e publicou inverdades. Se sobre esse assunto, algumas imprecisões justificam o fim do tema, no entanto no que respeita à memória de outros momentos sobre Álvaro Cunhal Domingos Abrantes tem a certeza de como eles aconteceram. É o caso do regresso a Portugal a seguir à Revolução dos Cravos, momento que partilhou com o dirigente por ter vindo no mesmo avião que interrompia o exílio de ambos em Paris.

– Havia sentimentos contraditórios porque existiam muitas incertezas sobre o que se passava em Portugal, tanto que a decisão de regressar só foi tomada no dia 28 de abril. Conhecia-se a composição da Junta de Salvação Nacional que, à distância a que se estava, provocava várias interrogações. Conhecia-se o pensamento de Spínola. Mas o sentimento de enorme alegria à chegada ultrapassa essas dúvidas porque há uma grande manifestação do Partido, a primeira pública permitida ao PCP, onde Álvaro Cunhal lê o discurso que escrevera no avião.

Onde havia duas ideias claras, segundo Domingos Abrantes.

– O derrubamento do regime de Caetano não significava o fim do fascismo, o que foi visível na conversa imediata com Spínola, na qual disse que não podia haver partidos nem a foice e o martelo. E o apelo ao 1.º de Maio, o momento em que as massas vão intervir, porque havia um sentimento muito profundo de confiança em Cunhal no quadro da intervenção popular. Diga-se que a revolução portuguesa introduziu várias originalidades, tal como o papel participativo dos militares. Cunhal previra que o levantamento nacional de massas fosse apoiado pelas forças militares, que as espingardas e os canhões se poriam ao lado do povo porque tinha a ideia que não era possível derrubar o fas-

cismo sem a ajuda dos militares. Há historiadores que dizem que o Álvaro se enganou porque a ordem foi inversa, um levantamento militar a anteceder o das massas, mas não é verdade porque essa hipótese também está no seu texto.

Para Domingos Abrantes, uma das preocupações que dominava Cunhal era a de conseguir que a Revolução fosse tão profunda como a de 1917, de forma a “não só liquidar o fascismo, a censura, a PIDE, as prisões, como a base social que o apoiava”. Outra das ideias originais que lhe atribui é a de “criar a Aliança Povo-MFA”. Quanto ao PREC, Domingos Abrantes considera a posição do Grupo dos Nove um “recuo ao processo revolucionário” e vê no embaixador norte-americano Carlucci “alguém que percebeu muito bem que conseguiria fazer suceder os seus intentos através de Mário Soares”. Quando se lhe repete a afirmação de que Cunhal era o outro lado de Salazar, Abrantes recusa: “Isso é um insulto! Não basta as pessoas serem coerentes, austeras e terem empenho total, Salazar construiu uma imagem que era muito de mentira e basta ler o diário dele para se ver a sua hipocrisia.”

Quanto ao pior dia na vida de Álvaro Cunhal, o do resultado eleitoral para a Constituinte, Domingos Abrantes recusa e diz: “O termo pior momento não se aplica a uma pessoa como Álvaro Cunhal, que viveu momentos de grande dificuldade a par dos de grande exaltação, fugas, grandes acontecimentos nacionais e internacionais.”

Sobre o resultado eleitoral em si, refere.

– É evidente que qualquer comunista pensava que os resultados seriam superiores, ainda que houvesse exemplos na história sobre o peso do passado, da Igreja e da estrutura social e económica. Isso pode ter sido subestimado. Naturalmente, o resultado das eleições tiveram um efeito de certo modo negativo, confirmando que não existia compatibilidade entre a dinâmica revolucionária e a eleitoral. Na altura, as sondagens era débeis e não antecipavam o que víamos em comícios monstros – até hoje fomos o único partido que fez um comício no Estádio das Antas e os resultados não tiveram correspondência. O que se avançou nas conquistas foi pela via revolucionária e, aliás, a Constituição consagra esses valores. Não é por acaso que certas forças políticas tentaram até à última hora que ela não fosse promulgada, tendo-o sido devido a Costa Gomes e a uma parte do Movimento das Forças Armadas. A Constituição correspondeu a uma correlação de forças que alguns setores achavam que se tinha alterado com as eleições e era um obstáculo aos seus planos. Não é por acaso que ainda hoje a Constituição está no centro do debate! Mas Cunhal tinha por certeza que após a alteração da correlação de forças era a Constituição o garante da Revolução.

Quanto ao ambiente de desilusão pós-eleitoral, Abrantes não se recorda: “Passaram-se tantos anos que não me lembro. No dia a seguir estávamos noutra, sempre foi o nosso timbre. Até porque nessa fase ainda não estava tudo decidido. As eleições introduziram mudanças e na própria Assembleia o PS e o PPD quiseram impor um ritmo diferente. Tinham a consciência de que havia legitimidade eleitoral para começar a contrariar.” Também garante que não foi o fim de uma utopia começada a viver no interior do avião que um ano antes trouxera dezenas de comunistas de volta a Portugal: “Não, de modo nenhum. Havia partidos, MFA e massas

Continua na página 14 >

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA 13

Printed and distributed by NewspaperDirect
www.newspaperdirect.com US/Can: 1 877 680 4040 Intern: 001 6364 6364
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW

SÁBADO, 9 DE NOVEMBRO DE 2013

Q. CENTENÁRIO O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL

> Continuação da página 13

populares, e Álvaro Cunhal e o PCP sempre confiaram no processo em curso, tanto que ainda houve nacionalizações seis meses depois com Pinheiro de Azevedo e a descolonização. Cunhal sempre teve uma ideia muito clara da correlação de forças, não era um aventureiro. Ele era e é para todos nós um inspirador no sentido de uma pessoa firme nos princípios, gostasse ou não. Todos sabiam o que ele pensava e pagou um elevado custo pessoal pelas suas opções”.

Quanto ao pior dia, também o atual secretário-geral do PCP discorda. Jerónimo de Sousa, que conheceu a existência do seu antecessor desde antes do 25 de Abril devido à sua militância no movimento sindical, das campanhas de exigência de libertação de Álvaro da prisão, da leitura de *O Avante!*, a primeira vez que está perto de Álvaro Cunhal é no estádio onde se realiza o comício do 1.º de Maio de 1974, onde se impressiona com a intervenção, “numa linha de rigor, de análise, de profundidade mas simultaneamente de perspetiva e de confiança”.

Discorda de que exista uma mitificação à volta de Álvaro Cunhal: “Acho errado chamar-lhe mito, mas de facto há uma grande admiração não só por aquilo que fez, o que foi a sua vida, a sua luta, o seu pensamento, mas do homem que tinha uma particular capacidade para ouvir os outros e esperar sempre pela contribuição, por mais modesta que se possa pensar.”

Ao questionar-se o resultado eleitoral de 1975, Jerónimo de Sousa diz que “não tinha experiência de resultados eleitorais”.

—De qualquer forma houve fatores, particularmente subjetivos que ainda resultavam do tempo do fascismo, particularmente do preconceito anticomunista e do papel da hierarquia da Igreja, que apontavam o comunismo como papão e onde se usavam os argumentos e as imagens mais terroristas. Também dificultou objetivamente a ideia do socialismo ser defendido pelo PS e até pelo PPD desta. Parecia que toda a gente defendia muito o socialismo. Mas não, não me senti angustiado pelos resultados. Mesmo sendo um candidato a deputado à Constituinte, não tinha definido uma facção. Mas isso não condicionou a atividade do partido porque na altura vivíamos num processo revolucionário onde a componente da luta de massas e a intervenção do partido demonstrou que era muito superior à taxa de influência eleitoral. Nesse sentido, medir o PCP apenas pelos seus resultados eleitorais é uma visão incompleta. Admito que esperávamos mais, aliás é um sentimento que passado quase 40 anos, ainda digo, meio a sério meio a brincar, que se a simpatia e a influência se traduzissem em votos, tínhamos quase uma maioria absoluta. Admito também que o peso eleitoral não corresponde ao peso social e político do PCP.

7. O ESTALINISTA CONSTANTE

Se Mário Soares tem o título de “pai fundador da democracia portuguesa”, a Álvaro Cunhal esse estatuto é impossível de conceder. A razão, para o historiador Rui Ramos ⁽¹⁾, é fácil de encontrar: “Reconhecer que o objetivo de Álvaro Cunhal não era construir um regime político como o que temos hoje em Portugal não é uma acusação mas simplesmente analisar que o seu projeto era outro e ao abrigo da melhor tradição comunista. Não é um pai fundador deste regi-

me em que vivemos atualmente porque não o queria, nem se sentiria realizado com ele.”

Para Rui Ramos, Álvaro Cunhal tinha outra estrutura política para Portugal, daí que se tenha aliado a vários sectores sociais e políticos para os atingir.

—Cunhal é um estalinista e os estalinistas admitem a alteração das suas alianças em termos de tática, mesmo que se admita erradamente a identificação estalinista com a ortodoxia. Basta atender às atitudes da política externa de Estaline, que fez alianças primeiro com Hitler e depois com os aliados, que tinha inicialmente como inimigos os sociais-democratas e depois os fascistas. Álvaro Cunhal, em 1974, 1975 e 1976 revela a mesma flexibilidade nas alianças com Spínola, Vasco Gonçalves, aproxima-se do Grupo dos Nove e depois de Eanes, afastando-se posteriormente de todos eles. No entanto, foi essa capacidade tática e o modo como agiu que evitou em 1975 a guerra civil em Portugal. Se fosse o lado romântico da extrema-esquerda a vencer, a do tudo ou nada, hoje nada seria igual no País. Cunhal decidiu optar por defender as posições conquistadas através de negociações, tanto que se em novembro de 1975 não tivesse sustido os militantes do PCP tudo teria sido diferente. Ele agiu da maneira mais segura e sem arriscar. Não é um apostador que coloca as fichas todas no mesmo número e aposte tudo de uma vez, arrisca pouco. Tende a fazer análises realistas das situações, não deixan-

ma a mostrar um partido mais aberto, mesmo que com muitas regras. É um esforço grande de reciclagem de imagem e ao mesmo tempo de doutrinação.”

Para Louçã, “Cunhal foi o mais importante construtor da teoria da direção do PCP, preocupação compreensível por ter vivido no quadro de uma luta que ele desenvolveu no contexto da Guerra Fria, vivendo entre Moscovo, Paris e Praga, muito marcado por confrontos ideológicos e grandes transformações”.

—Ele viveu o conflito sino-soviético, viveu o conflito da União Soviética com Tito, e tomou posição nessas questões, mesmo que fosse ao nível teórico e de posição ideológica, o que marca imenso a história do seu partido. Diga-se que há um contraste forte entre a tradição cunhalista na forma de reflexão sobre Portugal e a revolução portuguesa, a que dedicou vários livros —o *Rumo à Vitória*, o texto mais clássico, e um de 1976, *A Revolução Portuguesa*—, onde realiza toda uma reflexão sobre a articulação de classes e o projeto do PCP, um tipo de reflexão que quase desapareceu hoje no debate político, incluindo no próprio PCP. Digamos que na comemoração do centenário do Cunhal não é esse o ponto forte, é mais a tradição antifascista, a experiência política e a resistência do que a reflexão sobre Portugal.

Francisco Louçã aponta razões para que este debate teórico esteja hoje quase desaparecido, apesar de ser um “aspecto importantíssimo no

lítico ele focou-se muito em grandes debates, importantíssimos na época, e mesmo depois, situação que não é propriamente o aspeto mais realçado do Cunhal hoje porque é uma forma de reflexão estratégica que está quase ausente do debate político português. Cunhal marcou muito porque era simultaneamente uma figura mítica dentro do PCP e na política portuguesa.

Quanto à produção de pensamento teórico em Portugal, Louçã considera que foi dos que mais fez em Portugal no aspeto político: “É certamente uma das figuras destacadas, apesar de no PCP haver grandes vultos intelectuais, que não tinham uma ambição estratégica mas foram muito importantes: Bento de Jesus Caraça, Maria Lamas, Lopes-Graça e outros que deixaram marcas fortíssimas em certas áreas específicas. Na política, por exemplo, Mário Soares escreveu o *Portugal Amordaçado*, mas que é, como a atividade do próprio, um livro de intervenção.”

Nos últimos anos, tem sido Francisco Melo ⁽¹⁾ a organizar grande parte do espólio teórico de Álvaro Cunhal para os vários volumes das *Obras Escolhidas* do ex-secretário-geral do PCP, editadas pela Editorial Avante!. Já vai no IV volume e ainda terá pela frente, segundo as suas contas, pelo menos quatro mais. Pelas suas mãos têm passado centenas de páginas manuscritas, apontamentos, cadernos da prisão e obras teóricas, um trabalho que exige cotejar

PRIVADO DE LIBERDADE, CRESCER O DOGMATISMO

do jamais isolar o PCP. Isso ficou demonstrado na reunião do Comité Central em Alhandra, onde alertou em discurso para o perigo de isolamento do PCP se continuasse com as forças mais progressistas dos militares. Ele anteviu o perigo antes de toda a gente e não teve oposição à sua opinião. O segredo de 1975 foi negociar, mesmo que tenha ficado muito comprometido no PREC, muito mais do que desejaria.

Quanto à “coerência” de atitudes que é atribuída ao dirigente comunista, Rui Ramos diz que “Álvaro Cunhal manteve sempre a mesma atitude estalinista: tentar adaptar-se às circunstâncias, evitando a inflexibilidade da extrema-esquerda. Não era por acaso que em França, Raymond Aron escreveu que era imprevisível acertar no que um líder comunista iria dizer no dia seguinte. O inimigo de um dia era o amigo na manhã seguinte e isso obrigava à submissão total dos militantes, que defendiam a nova posição de forma a torná-la realidade aceite. O que acontecia com Estaline é o que se passa no PCP: a coerência é a incoerência. Veja-se o caso de António Sérgio que um dia era um agente da CIA e no outro um progressista, ou o que se passou com Humberto Delgado”.

Para Francisco Louçã ⁽²⁾, a divergência entre a teoria e a prática é uma situação que Álvaro Cunhal acaba por tentar eliminar através do seu pensamento teórico: “O *Partido com Paredes de Vidro* é publicado em 1985, antes da queda do Muro de Berlim, em 1989, e do fim da União Soviética, em 1991, um livro no qual existe uma tentativa de afirmar critérios de for-

trabalho de Cunhal”.

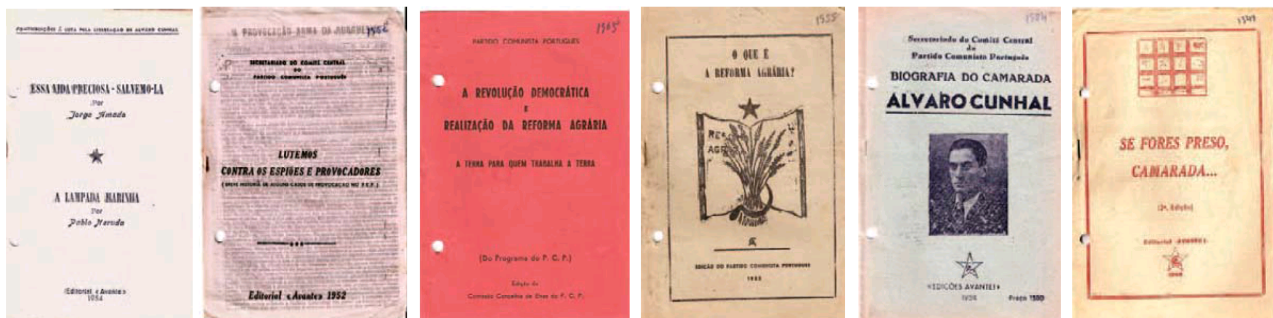
—Ele foi durante a sua vida desafiado por uma importante decisão do PCP, a de Francisco Martins Rodrigues nos anos 60 e por um pequeno número de pessoas envolvidas. Ele era uma espécie de delfim do Cunhal, uma pessoa muito considerada pelo comité central pela sua participação ideológica, mas que se vai aproximar das posições chinesas nos anos 60 e fazer uma crítica ideológica muito forte a Cunhal. Este responde com vários livros, entre os quais *Ação Revolucionária, Capitulações e Aventura*, de 1994, porque dá uma enorme importância a esse debate ideológico. O que prova que Cunhal ao voltar a este debate, mesmo que tantos anos depois do 25 de Abril, quando já o Francisco Martins Rodrigues tinha um papel político pequeno após se ter afastado da UDP e era um general sem tropas, mantinha-se de uma enorme importância para a marcação ideológica de Cunhal. Tal como volta, com muito cuidado, no referido *Partido com Paredes de Vidro*, a fixar uma versão sobre o episódio da saída do PCP da Internacional Comunista nos anos 30. Que esteve na base de uma acusação de que alguns dirigentes, entre os quais Pavel, tinham fugido da prisão demasiado facilmente e poderia haver alguma ligação com a polícia. É uma acusação que Cunhal diz que é totalmente falsa, mas o PCP foi expulso e não voltou a ser readmitido porque em 1943 a Internacional é dissolvida por Estaline, embora o PCP voltasse à órbita da proximidade soviética. O que Cunhal escreve no livro é “se perguntarem isso, é assim que se deve responder”, porque do ponto de vista po-

edições e emendas, sobre o qual diz.

—À medida que vou avançando na publicação das *Obras Escolhidas* de Álvaro Cunhal, três aspetos sobressaem: por um lado, a sua capacidade de apreender rapidamente as alterações da situação política nacional e internacional (muitas vezes prevendo-as mesmo e vindo os acontecimentos a confirmar essas previsões) e encontrar as respostas adequadas, quer no domínio teórico quer no das medidas organizativas —capacidade reveladora não só da sua superior inteligência, mas também do seu profundo conhecimento e maestria na utilização do marxismo-leninismo como instrumento de análise da realidade na perspectiva da sua transformação; por outro lado, a coerência do seu pensamento político e da sua atividade revolucionária ao longo de uma história em profundas mudanças, mudanças que não abalaram antes consolidaram em todo o decurso da sua longa vida as convicções que Álvaro Cunhal cedo abraçou sobre o papel libertador da classe operária e dos trabalhadores a partir das próprias possibilidades inscritas nas contradições inerentes ao capitalismo, que este é incapaz de resolver pela sua própria natureza, e que só a construção de uma sociedade socialista abrirá o caminho da sua superação; finalmente, a superioridade da sua reflexão teórica e da sua postura moral que se revelam claramente, por exemplo, nos confrontos polémicos com os seus adversários e inimigos.

Para Francisco Melo, além deste aspeto, há outros que irão sendo cada vez mais evidentes com a continuação da publicação das *Obras Es-*

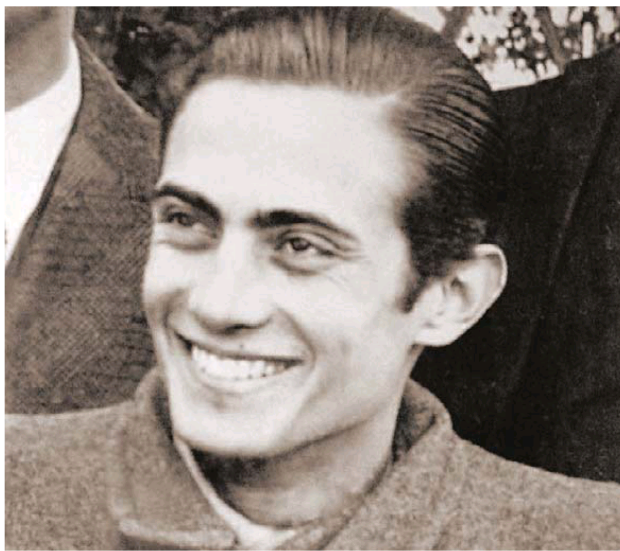
Q - CENTENÁRIO O PIOR DIA NA VIDA DE ÁLVARO CUNHAL



Documentos do Partido Comunista Português do tempo da clandestinidade, impressos em tamanho pequeno e papel fino para se poder esconder. Ilustrações: Arquivo João Céu e Silva

colhidas, designadamente “a capacidade teórica de Álvaro Cunhal a ser reconhecida a nível nacional e internacional como um dos maiores vultos do pensamento revolucionário marxista-leninista”. Em anteriores declarações sobre o trabalho de investigação para estes volumes, no caso dos *Cadernos da Prisão*, Francisco Melo explicara que este projecto de publicação vinha ainda do tempo em que Cunhal era vivo: “Começámos nessa altura e com o objectivo de poderem vir a ser publicados. Depois, como a doença começou-se a agravar e começou a ter dificuldades de leitura e, entretanto, faleceu, sendo o projeto readaptado porque deixa de contar com essa colaboração.”

Para José Pacheco Pereira, Álvaro Cunhal tem uma dimensão no pensamento teórico que vai além do espaço nacional: “É mais do que um teórico português, em particular no *Rumo à Vitória*, que é de facto o documento mais importante do ponto de vista político do Cunhal e uma obra bastante sui generis na história do movimento comunista mundial. É a defesa de uma queda violenta do regime do Salazar, em que Cunhal pretende ser consequente e em que desenvolve uma teorização que não tem paralelo. Embora estas coisas sejam muito arqueológicas, Cunhal tem um papel próprio neste âmbito.”



Fotografia de Álvaro Cunhal ainda jovem

8. A CELEBRAÇÃO ROMÂNTICA

A 24 horas de perfazer um centenário sobre o nascimento de Álvaro Cunhal, vale a pena questionar o estatuto de Álvaro Cunhal perante o partido que liderou durante décadas. Conhecedor do homem e do mito, José Pacheco Pereira responde sobre se Cunhal ultrapassa e condiciona o próprio PCP?

– Num certo sentido sim, dependendo das épocas. Ele é o dirigente mais importante do PCP na parte final da década de 40 e perde esse estatuto durante o tempo em que está na prisão. Depois da fuga em 1960, então sim assume em pleno o estatuto de liderança e fá-lo praticamente até abandonar a direção. Desse ponto de vista, especialmente na fase desde 1960, o PCP e Álvaro Cunhal não seriam uma e a mesma coisa porque seria injusto em relação a muita gente que ajudou também a fazer o partido, mas é um facto de que todas as questões fundamentais são moldadas pela personalidade, pela posição e pelas ideias de Cunhal. Mesmo depois de deixar de ser secretário-geral, dada a dimensão da sua ação e ao facto de ter sido um dirigente importante durante várias décadas; de alguma maneira personificar o partido na clandestinidade, e de funcionar sempre como uma referência máxima, tudo isso faz com as pessoas vissem Cunhal e por trás o PCP. Mas isso não significa que, principalmente na altura em que se fazem estas comemorações, não seja em grande parte uma figura já mítica, que está além da própria ação concreta de Cunhal na direção do Partido Comunista. Aliás, esta mitificação de Cunhal é de facto já não apenas do domínio da história mas também do domínio da propaganda, da ação política e da agitação.

Quanto ao papel político internacional?

– Depende das épocas. É preciso ter em conta que quando Cunhal vai para a União Soviética em 1961, as suas ideias eram vistas com suspeita na medida em que quando saiu da cadeia estava a combater ideias que eram muito próximas das do Partido Comunista da União Soviética. Do ponto de vista dos partidos comunistas europeus, o italiano, em particular o espanhol, e até do francês, era suspeito um homem aparecer a combater um desvio de direita e a defender a necessidade de uma transição violenta. Portanto, nessa fase, grande parte do seu prestígio internacional devia-se às circunstâncias heroicas da fuga da cadeia. No ponto de vista do papel internacional de Cunhal, ele é relevante a partir de 1964/1965 e, como se viu mais tarde na questão do eurocomunismo, em

que é o seu crítico mais ativo e o mais fiel defensor do papel geopolítico da União Soviética. Mais até que no socialismo real, porque Cunhal é um crítico só do socialismo real, tendo manifestado insatisfação quanto ao modo como essas sociedades funcionavam mas nunca pondo em causa, bem pelo contrário, o papel fundamental da existência de um campo socialista dirigido pela União Soviética. É por isso que tendo simpatia por algumas ideias dos chineses desenvolveram no início da década de 60, nunca hesitou um segundo em apoiar os soviéticos.

Cunhal é um mito com pés de barro?

– É evidente que o Cunhal que o PCP está a comemorar, e que muita gente à direita também, é em grande parte uma personagem construída até com aspetos românticos: amigo da família, da filha, um homem de corpo inteiro, um grande artista... É uma criação em grande parte artificial porque o Cunhal verdadeiro não corresponde a este mito! É um mito instrumental para o PCP, porque os partidos comunistas precisam de personalidades que tenham sentido nacional e que ultrapassem a própria dimensão do comunismo. Cunhal tem essas características, basta ver o seu funeral, que é uma grande manifestação e que está muito para além do PCP. Diga-se que nesta construção mitológica de Álvaro Cunhal, a di-

menção concreta e real do personagem perde-se, tal como o próprio sentido político da sua ação. Agora, se se quiser fazer a história do século XX português, Cunhal é uma figura fundamental.



- (1) Álvaro Cunhal (1913-2005) Em 1931, com 17 anos, filia-se no PCP. Em 1934, é eleito representante dos estudantes no Senado da Universidade de Lisboa. Em 1935 torna-se secretário-geral da Federação das Juventudes Comunistas. Em 1936, é cooptado para o Comité Central do PCP. Na década de 1930 colabora com a Seara Nova e o O Diabo e nas publicações clandestinas do PCP. Em 1940, apresenta a tese de licenciatura em Direito sobre o aborto, tendo no júri Marcello Caetano e sendo aprovado com 16 valores. Em 1960, participa da fuga de Peniche, tendo-se exilado em 1962 em Moscovo e depois Paris. É secretário-geral do PCP entre 1961 e 1992. O seu funeral contou com mais de 250 mil pessoas.
- (2) Carlos Carvalhas (1941) Economista, adere ao PCP em 1969, foi secretário de Estado do Trabalho nos I, II, III, IV e V Governos Provisórios, deputado ao Parlamento Europeu. Sucede a Álvaro Cunhal como secretário-geral.
- (3) Jerónimo de Sousa (1947) Operário metalúrgico desde os 14 anos, foi ativista sindical. Em 1974 adere ao PCP, pertencendo ao Comité Central a partir de 1979. Foi deputado à Assembleia Constituinte, várias vezes eleito para a Assembleia da República. É secretário-geral do PCP desde 2004.
- (4) José Pacheco Pereira (1949) Historiador, professor universitário, político e comentador. Foi fundador da secção norte do PCP(m-l). É autor da maior biografia sobre Álvaro Cunhal e o PCP e de vasta bibliografia.
- (5) Joaquim Vieira (1951) Jornalista e ensaísta.
- (6) Luís Costa Dias – Comissário da Mostra sobre Cunhal na Biblioteca Nacional de Portugal.
- (7) António Pedro Pita – Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX.
- (8) Miguel Real (1953) Ensaísta, escritor, professor de filosofia, mestre em Estudos Portugueses e crítico literário. Recebeu o Prémio Literário Fernando Namora.
- (9) Irene Flunser Pimentel (1950) Doutorada em História Institucional e Política do Século XX, investigadora do Instituto de História Contemporânea. Foi Prémio Pessoa e autora de vasta obra.
- (10) Domingos Abrantes (1936) Militante e dirigente do PCP, onde exerce altas funções durante décadas após uma vida de clandestinidade.
- (11) Rui Ramos (1962) Licenciado em História pela Universidade Nova de Lisboa e doutorado em Ciência Política pela Universidade de Oxford. Autor de vasta obra histórica.
- (12) Francisco Louçã (1956) Economista, professor universitário, investigador e político. Adere à LCI em 1973 e foi coordenador do BE. Autor de vasta bibliografia.
- (13) Francisco Melo – Militante do PCP e editor das Edições Avante!

SÁBADO, 9 DE NOVEMBRO DE 2013

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA 15

Printed and distributed by NewspaperDirect
www.newspaperdirect.com US/Cdn: 1 877 980 4040 Intern: 001 6364 6364
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW